

Ruy Proença

Como você pensa a relação entre o tempo literário e o tempo histórico?

Independentemente do que motiva o fazer literário, o resultado trará sempre marcas de sua época. A ideia de um literário a-histórico é inviável, porque a obra é fruto de escolhas pessoais, feitas com base em valores estéticos, políticos, filosóficos, religiosos, materiais etc. construídos socialmente. Cada obra traz em si as chaves de uma visão de mundo. Quer o autor tenha consciência disso ou não. O interessante é que, na literatura em geral, e talvez de forma mais concentrada na poesia, àquilo que é essencialmente temporal, histórico, vem juntar-se, quase sempre, outra dimensão, que é atemporal ou que, ao menos, não está tão ligada a seu tempo. Focalizando apenas a poesia, acredito que o tempo literário é um território de interrogação do tempo presente, ainda que conforme uma lógica particular. Desnecessário é dizer que o presente carrega o passado e uma perspectiva de futuro.

Quais procedimentos sua obra adota diante de um mundo em que predominam a ação econômica e a espetacularização da arte?

Além de um território de interrogação daquilo que se busca apreender, compreender, a arte e, em especial, a poesia são para mim uma expressão de inconformismo, de resistência contra o que nos humilha, nos fragiliza como seres humanos.

A noção de que o tempo de cada indivíduo possa ser pautado por interesses alheios, quase sempre ditados por fatores econômicos, me incomoda. Há uma atrofia da personalidade quando ficamos superexpostos ao bombardeio de “informações” e interesses mercadológicos que grassam nos meios de comunicação.

O que vemos é um mundo reificado, espetacularizado e em conflito: de um lado os que podem, pelo seu cacife

econômico; de outro, os que não. De um, os que nasceram para vencer; de outro, os eleitos para perder. E o que vale para pessoas, grupos sociais, vale também para os povos. A arte, sendo feita por homens, não está livre disso.

Mas me pergunto: o poder não terá sempre sido injusto, trágico?

Qual reflexão sua obra produz sobre a tradição literária brasileira?

Não tenho resposta pronta para essa questão. Quando penso na grandeza de um Mário de Andrade, no seu esforço titânico de atualização da identidade cultural brasileira; ou na genialidade de um Guimarães Rosa, no seu inimaginável trabalho de recriação da língua, sinto-me uma formiga massacrada por elefantes. Felizmente, há lugar no mundo também para as formigas. É por isso que peço num poema: “quando morrer/ me enterrem numa caixa/ de fósforos”.

De qualquer forma, em que pese certa impotência para pensar nosso tardo modernismo, vejo meu trabalho mais enraizado numa linhagem lírica, imagética, objetivista, acentuando-se já há algum tempo um viés mais reflexivo.

Como você pensa a forma literária?

Atendo-me exclusivamente à poesia, e mais, à poesia impressa, penso que, embora a ideia do poema possa ser, e muitas vezes de fato é, concebida *a priori*, a forma literária em si acontece ou ao menos continua a acontecer durante o processo de elaboração. Radicalizando, arriscaria dizer que cada poema vai construindo sua forma particular antes e durante sua realização. Reconheço a importância de se conhecerem e dominarem as formas fixas, as diferentes métricas, mas julgo importante também, depois de tudo assimilado, deixar-se levar pelo esquecimento e estar aberto à intuição.

Quanto à construção do livro, em meu caso, acredito que valha o mesmo modo de trabalho, ou seja, sua organização tem se dado principalmente como consequência e menos como projeto.

Ruy Proença (1957) publicou *Pequenos séculos* (Klaxon, 1985), *A lua investirá com seus chifres* (Giordano, 1996), *Como um dia come o outro* (Nankin, 1999) e *Visão do ferro* (Editora 34, 2007). Desde 1990 integra o Grupo Cálamo de criação poética, do qual participou das coletâneas *Lição de asa* (Iluminuras, 1993), *Vila Lira Rica* (Edição dos Autores, 1995), *Desnorte* (Nankin, 1997).